

## **SOBRE RESISTÊNCIAS E VISIBILIDADES NA GEOGRAFIA BRASILEIRA**

O convite de Larissa Araújo Coutinho de Paula e Mateus Fachin Pedroso, organizadores do Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” da Revista Geografia em Atos, me trouxe intensa felicidade. Esta sensação de êxtase tem dois importantes motivos. O primeiro, porque sempre lutei para a expansão das análises de gênero e sexualidades na geografia brasileira e ver uma nova geração de geógrafxs tomar para si esta batalha é imensamente gratificante. O segundo, porque este volume desafia a onda do conservadorismo que tem crescido de forma brutal na sociedade brasileira, notadamente com a vitória da extrema direita nas eleições presidenciais em 2018. Assim, mesmo em um contexto desfavorável para o acolhimento deste perfil de produção científica, ela resiste e se coloca como uma fissura nas estruturas de poder político e científico.

Este volume da Revista Geografia em Atos nos oferece reflexões sobre gênero e sexualidades que estão comprometidas com a ampliação do campo da geografia brasileira em termos temáticos, conceituais e metodológicos. Além disso, a revista traz para a arena de debates sujeitos tradicionalmente invisibilizados pela geografia hegemônica que apenas no século XXI têm conseguido algum protagonismo, graças à ousadia de geógrafxs comprometidos com a superação de hierarquias de poder. Portanto, são intelectuais que enfrentam as fronteiras epistemológicas

estabelecidas e constroem com este volume um corajoso ato de amor. Amor pela geografia e amor pela humanidade diversa que os organizadorxs desse volume, bem como xs autorxs nutrem.

O primeiro artigo escrito por Larissa Araújo Coutinho de Paula e Mateus Fachin Pedroso estabelece uma crítica às abordagens geográficas que, ao analisar as diferentes formas de relação entre espaço e sociedade ao longo do tempo, negligenciaram as questões de gênero e sexualidades. O artigo também evidencia que o campo da geografia, apesar de se manter fortemente pautado pelo androcentrismo, apresenta uma complexificação da abordagem de sujeitos em suas mais variadas interseções, como é o caso das relações interseccionais que consideram as múltiplas variáveis constituidoras da sociedade espacializada.

Ana Carolina dos Santos Marques e Ricardo Lopes Fonseca enfocam as mulheres negras e sua atuação no Hip Hop, constituindo territórios de resistência contra o racismo. Xs autorxs evidenciam a difícil posição interseccional das mulheres negras que se constituem por fatores interseccionados de raça, gênero e classe nas suas condições espaciais de vulnerabilidade. O artigo é esperançoso na medida em que denuncia a condição feminina negra e também traz a tona a luta dessas mulheres e suas vozes de resistência por meio do Rap e a constituição de territórios próprios.

O artigo de Simone Léia Rui estabelece a conexão entre empoderamento, gênero e território por meio da compreensão do poder como aspecto catalisador entre eles. A autora, por meio de uma revisão bibliográfica, estabelece a relação entre empoderamento feminino e território, evidenciando os aspectos culturais, políticos e simbólicos que atuam na sua mútua constituição. Na medida em que as relações de gênero são pautadas nas assimetrias de poder, elas também possuem uma espacialidade que se dá no embate dos direitos políticos e dependem de mudanças culturais e econômicas entre homens e mulheres.

Bruna Fernandez Guimarães Borsoi oferece uma abordagem atual da relação entre o corpo feminino e sua apropriação como mercadoria. Seu artigo 'Beleza plástica: a fetichização do corpo feminino como mercadoria no espaço heteronormativo', estabelece uma crítica sobre as tecnologias que transformam os corpos de acordo com um padrão estético constituído pelo mercado capitalista. O corpo feminino é retratado neste artigo como sendo enquadrado em matrizes de relações de poder em que determinados seres humanos são assujeitados na busca de satisfação do ideal estético, como é o caso das mulheres.

O artigo 'Masculinidades y geografía: experiencias de hombres trans en el espacio hegemónico de Santiago de Chile' de Martin Ignacio Torres retrata as experiências espaciais de homens transsexuais que desafiam a norma cisheteropatriarcal, constituidora hegemônica das cidades. O autor aborda a masculinidade a partir de

um processo de vir a ser, o que faz com que as masculinidades trans constituam espaços em constante transformação, em processo aberto. Os tensionamentos das vivências espaciais não hegemônicas dos homens trans são exibidos neste artigo, possibilitando pensar o espaço de forma relacional e indeterminada.

O artigo de Mateus Vantuir Cardozo Lopes estabelece uma análise sobre a constituição do território de prostituição travesti por meio da interpretação das memórias de travestis mais velhas. Ele evidencia como a cidade é tecida pelas práticas identitárias que se apropriam de pedaços da cidade e tornam visíveis vidas não vivíveis, conforme a ótica cisheteropatriarcal. Este artigo é ousado ao trazer as alianças entre travestis mais velhas e jovens na garantia de sua existência, marcando o espaço urbano, mesmo que em condições de vulnerabilidade.

Gustavo Henrique Pereira da Silva reflete sobre práticas investigativas na geografia, realizando uma importante crítica do processo metodológico que distancia x pesquisadxr das pessoas sobre as quais ele quer investigar. O artigo humaniza e corporifica a prática de pesquisa ao abordar as masculinidades específicas de homens gays negros que lutam contra a masculinidade hegemônica, mas também contra a forma tradicional de se fazer pesquisa geográfica. A complexidade que traz este texto entrelaça o universo de sujeitos racializados e a forma de construir um conhecimento autônomo que contemple os lugares de fala e a cientificidade da geografia.

Por fim, o artigo de Wilians Ventura Ferreira Souza e Carlos Alberto Feliciano apresenta a cartografia dos crimes de ódio contra LGBTQ+, evidenciando uma realidade pouco considerada socialmente, apesar dos avanços legais que o Brasil conquistou nas últimas décadas. O artigo pauta sua crítica ao direito à existência de pessoas que transgridem as normas sociais de sexualidades porque seus corpos e práticas são concebidas como ‘anormais’ e esta classificação legitima a violência sobre eles. Os corpos e suas relações espaciais se constituem mutuamente e esta é uma importante proposição conceitual deste artigo.

Este dossiê deve ser visto como um presente à comunidade geográfica brasileira porque ele expressa o frescor da curiosidade e a rebeldia de

jovens investigadorxs do campo, propondo novas categorias identitárias para além da necessária e tradicional classe social, complexificando assim, a análise espacial. Mas, além disso, ele é uma dádiva, de pesquisadorxs que são conscientes de sua responsabilidade política no processo de fazer ciência. Desejo que estes artigos provoquem as ideias já consolidadas, já que é por meio da dúvida que a ciência se transforma e se torna cada vez mais plural.

**Profa. Dra. Joseli Maria Silva**

Departamento de Geografia, Universidade  
Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Presidente Prudente, 24 de fevereiro de 2020.